

MEC – Ministério da Educação

UFF – Universidade Federal Fluminense

ICHF – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

GSO – Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências
Sociais

JOÃO PAULO MELO DA SILVA

MATRÍCULA: 817098044

**A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL NO
SÉCULO XIX: UMA TENTATIVA DE BRANQUEAMENTO DA
POPULAÇÃO**

Niterói - RJ

Setembro, 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ICHF – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

GSO – Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências
Sociais

JOÃO PAULO MELO DA SILVA

MATRÍCULA: 817098044

**A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL NO
SÉCULO XIX: UMA TENTATIVA DE BRANQUEAMENTO DA
POPULAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao departamento de
Sociologia da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Sociologia.

Orientadora: Professora Dra Leticia
Helena Medeiros Veloso

Niterói – RJ

Setembro, 2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S586i Silva, João Paulo Melo Da Silva
A Implantação do Protestantismo no Brasil no século XIX :
Uma tentativa de branqueamento da população / João Paulo
Melo Da Silva Silva ; Leticia Helena Medeiros Veloso Medeiros
Veloso, orientadora. Niterói, 2021.
41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia)-
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia, Niterói, 2021.

1. Sociologia. 2. História. 3. Religião. 4.
Protestantismo. 5. Produção intelectual. I. Medeiros Veloso,
Leticia Helena Medeiros Veloso, orientadora. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e
Filosofia. III. Título.

CDD -

JOÃO PAULO MELO DA SILVA

**A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL NO
SÉCULO XIX: UMA TENTATIVA DE BRANQUEAMENTO DA
POPULAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao departamento de
Sociologia da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Sociologia

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Leticia Helena Medeiros Veloso
Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Dr. Jean Carlos Machado Alves
1ª Examinador
Universidade Federal de Ouro Preto

Dr. Eric Monné Fraga de Oliveira
2ª Examinador
Universidade Federal Fluminense

Sumário

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
1.PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO LATINO-AMERICANO.....	Erro! Indicador não definido.
1.1 OS FRANCESES NOBRASIL.....	10
2. PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX.....	Erro! Indicador não definido.
2.1 POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
3. O PROTESTANTISMO COMO TENTATIVA DE EMBRANQUECER A POPULAÇÃO BRASILEIRA.	Erro! Indicador não definido.
3.1. O MODO DE VIDA PROTESTANTE COMO MODELO DE PROGRESSO.....	Erro! Indicador não definido.
4.CONCLUSÃO	Erro! Indicador não definido.
5.BIBLIOGRAFIA	Erro! Indicador não definido.

DEDICATÓRIA

Dedico à minha esposa e ao meu filho

AGRADECIMENTO

Soli Deo Glória

Sola Gratia

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico foi desenvolvido para demonstrar como se deu a implementação da religião protestante no Brasil. A linha de corte temporal é o século XIX, pois foi neste período onde se deu de forma definitivamente a implementação e formação de um protestantismo mais abasileirado. Esta monografia tem um conteúdo sociológico e histórico.

No primeiro capítulo que tem como título “os primórdios do protestantismo na América-Latina”, tem como foco apontar que a religião protestante desde seu primeiro momento sempre teve seus representantes aportando na América Latina. Já no século XVI, o Brasil recebeu representantes de Huguenotes franceses mandados pelo reformador João Calvino. Este acontecimento foi muito importante e ao mesmo tempo é bastante ignorado quando se fala dos franceses no Brasil e seu legado deixado pelo Reformados.

Ainda neste primeiro capítulo trataremos da presença dos Holandeses no nordeste do Brasil no século XVII, e como os calvinistas desenvolveram sua sociedade no Nordeste pelo viés religioso; seu trabalho de proselitismo com índios brasileiros, e se houve algum legado depois da expulsão destes Holandeses do país.

No segundo capítulo, que trata do protestantismo de imigração no Brasil, principalmente no início do século XIX, tratará da imigração alemã que tinham como religião o luteranismo. Veremos que o objetivo desses imigrantes não era fazer proselitismo entre os brasileiros. Suas comunidades eram muito voltadas para “dentro”. Esses alemães não se firmaram apenas no interior do sul do Brasil. A religião era aquilo que amalgamava suas relações sociais. A elite brasileira via essa e outras imigrações como algo muito positivo, pois desde esse período, os negros, os índios e a mistura de raças, não eram vistas com bons olhos.

Neste terceiro capítulo que trata da implantação do protestantismo no Brasil com um foco mais missionário e proselitista, analisaremos como a elite brasileira, seja ela política e econômica, fizeram um trabalho de incentivo para que a religião protestante ganhasse a mente e os corações dos brasileiros. Salientando sempre o espírito “empreendedor” anglo – americano fosse introduzido no Brasil. A elite daqui considerava que a religião dos americanos transplantada aqui, poderia criar uma sociedade menos “impura”, seja na cor da pele, seja na disposição para busca do progresso.

A vinda de protestantes para o Brasil foi incentivada durante a segunda metade do século XIX. Ela era vista como uma religião de um povo moderno e empreendedor. Além do

mais, junto com a religião, viria para o Brasil um povo de pele clara. O branqueamento da população era um dos principais interesses, pois a misturas das raças era vista como algo que deixava o brasileiro como um povo fraco em todos os aspectos. Além do país ter um número muito grande de negros e índios.

Estudar e pesquisar sobre a origem do protestantismo no Brasil no século XIX não é tarefa muito fácil, pois a historiografia brasileira não trata muito desse tema em questão; os autores consagrados, não tratam em suas obras desse assunto de maneira profunda e consistente, logo, a tarefa de pesquisar sobre esse tema se torna mais trabalhosa e também muito perigosa, pois há o risco de que a pesquisa se torne muito tendenciosa, ou seja, se torne um trabalho de história eclesiástica.

A escolha do tema tem como finalidade mostrar de maneira clara e objetiva a origem dos evangélicos do Brasil, pois se verifica que os protestantes, nos últimos anos, têm crescido de maneira assustadora, por isso, é preciso que se pesquise a origem desse movimento religioso; como ele surgiu, quais as circunstâncias e principalmente que fatores foram decisivos para a implantação do protestantismo no Brasil no século XIX.

Este trabalho tem como objetivo responder a seguinte indagação: Quais fatores que contribuíram para implantação dos protestantes no Brasil no século XIX ? Estes fatores serão descritos de maneira organizada e coesa, não há a pretensão de esgotar o assunto, ou seja, tratar de maneira exaustiva todos os fatores que possibilitaram a implantação do protestantismo no Brasil.

1.PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO LATINO-AMERICANO

A segunda metade do século XVI foi bastante tumultuada para os europeus, pois eles, em séculos anteriores, a saber, séculos XIV a XV, já tinham sido vítimas pestes, guerras e mudanças políticas profundas em várias regiões. O mundo europeu nesse período ainda era um ambiente cercado de superstições e muitas incertezas.

“Tudo, seguramente, obra do diabo. Como poderia Deus socorrer filhos tão rebeldes, ímpios desunidos? Como explicar o “o Grande Cisma”, entre 1338 e 1417, quando o papado foi dividido, chegando em um certo momento (1409) a haver três papas?” (ELIAS, 2006, p.18)

Muitas situações foram decisivas para que acontecesse a reforma protestante de 1517. Alguns desses fatores foram: Desregramento do clero da Igreja católica, a insatisfação de alguns principados europeus, invenção da imprensa e a mudança de mentalidades que a Europa estava passando naquele momento com advento do Renascimento¹. A transformação do sentimento religioso na Europa está relacionada a um processo amplo que se pode chamar de “reforma da cultura popular”. (DELUMEAU,1994, p.45) Por parte de muitos clérigos e devotos nascia um desejo muito grande de afastar qualquer manifestação que pudesse ser ligada ao paganismo.

Sabe-se que Martinho Lutero quando pregou suas 95 teses na capela de Westminster sua intenção não era criar um movimento religioso separatista, seu desejo inicial era promover um debate de cunho teológico. Porém, neste período da história, a Igreja Católica estava muito sobrecarregada de críticas, com isso, as 95 teses de Lutero ganharam “vida própria” e se espalharam pelos principados Germânicos.

¹ Renascimento: o renascimento foi um movimento cultural surgido em Itália no século XV e que, recusando as concepções teocêntricas medievais passa a coloca o homem no centro de todos os interesses e o seu bem-estar passa a constituir a principal preocupação. A principal característica filosófica do Renascimento é assim a passagem do Teocentrismo que considera Deus como o centro Universo para o Antropocentrismo que coloca Homem como o centro do Universo. É devido a este “renascer” da cultura clássica que se dá o nome de Renascimento. A esta valorização do homem através dos modelos clássicos Greco-romanos é dado nome de Humanismo (“Renascimento - - Dicionário” em Só Hstoria.2009-2021. Consultado em 15/06/2021 às 01:28. Disponível na Internet em <http://www.sohistoria.com.br/dissionario/palavra.php?id=117>)

“As ideias de Lutero se espalharam e em poucos anos ele se tornou a pessoa mais celebre da Alemanha. Em 1521, já havia sido excomungado pela Igreja e banido do Sacro Império, mas continuava em seu país natal, acobertado por Frederico III, príncipe - eleitor da Saxônia (1486-1525).” (Elias, 2006, p.19)

Pode-se notar que a reforma protestante ganhou forma e abrangência muito rápido. Ela encontrou guarida nos corações e nas mentes da alta sociedade de países como: França, Suíça, países baixos e Grã-Bretanha. É importante frisar que em Lutero a reforma protestante teve seu estopim, mas foi o Francês João Calvino (1509-1564) que verdadeiramente sistematizou e organizou o que se pode chamar hoje de doutrina reformada. Um aspecto importante da doutrina Calvinista é que ela, diferentemente da doutrina católica da época, não condenava o acúmulo de bens materiais, desde que esses ganhos fossem frutos de um trabalho honesto.

A visão Luterana² e Calvinista³ sobre o trabalho é diferente da Igreja Católica no século XVI, enquanto a doutrina católica via o trabalho como um castigo divino, dado no Édem, como resultado do primeiro pecado; na visão reformada o trabalho deve ser desempenhado como uma vocação dada por Deus. Logo, o Cristão reformado deveria trabalhar para a glória de Deus.

O pensamento de João Calvino foi revolucionário e muito sugestivo para o indivíduo que possuía bens e para a classe mais abastada da época na Europa, pois agora eles não tinham mais que temer serem condenados ao inferno por possuírem bens, já que a prosperidade é vista como fruto das bênçãos de Deus sobre o indivíduo.

A cosmovisão reformada, segundo Max Weber, serviu de base para proliferação e criação do capitalismo moderno na Europa. A ação social do cristão neste mundo é antes de tudo uma ação que visa a glória de Deus. Isso se dá, segundo a doutrina Calvinista, pelo labor especializado em vocações, visando sempre o amor ao próximo.

² Lutero declarou, por exemplo: “Quando uma empregada cozinha e faz outros serviços de casa, porque está ali a ordem de Deus, mesmo tão pequeno trabalho deve ser louvado como um serviço a Deus superando em muito a santidade e o ascetismo de todos monges e freiras” (Works [Forrester, p.148]). Em outra obra, o serviço de casa “não tem aparência de santidade; e, no entanto, estes mesmos trabalhos em conexão com o lar são mais desejáveis do que todos os trabalhos de monges e freiras [...] Da mesma forma, os trabalhos seculares são um culto a Deus e uma obediência que muito agrada a Deus” (Comentário em Gênesis 13.13).

³ Calvino escreveu coisas tais como estas: “É um erro que aqueles que fogem dos afazeres do mundo e engaja-se em contemplação estão vivendo uma vida angélica [...] Sabemos que os homens foram criados para ocuparem-se com o trabalho e que nenhum sacrifício é mais agradável a Deus do que quando cada um atende ao seu chamado e procura viver completamente em prol do bem comum” (Comentário sobre Lucas 10.38).

” [...] O amor ao próximo – desde que só poderia ser praticado para a glória de Deus, não em benefício da carne – é expresso, em primeiro lugar, no cumprimento das tarefas diárias dadas pelas lei natural, assumindo então um caráter peculiarmente objetivo e impessoal – aquele de serviço em prol, da organização racional do nosso ambiente social (Weber, 1994, p.75)”.

Veremos mais na frente que no século XIX alguns políticos brasileiros mais liberais⁴, incentivaram a vinda de colonos e missionários protestantes, pois esses políticos tinham em mente não só o branqueamento da população, mas que a cosmovisão reformada fosse transplantada no Brasil.

O cristianismo protestante sempre enamorou com a América Latina, ou seja, a presença protestante em território Latino-Americano foi algo que aconteceu desde muito cedo, logo, pode-se afirmar que houve desde o começo da colonização, tanto espanhola quanto a portuguesa, tentativas de se estabelecer em territórios americanos colônias de cunho protestantes, incentivadas principalmente por colonos alemães.

A presença protestante na América Latina remonta do século XVI, mais precisamente do ano de 1529 com a presença dos Welser na Venezuela. Os welser não eram pessoas perseguidas pela inquisição ou que tinham má situação financeira, eles faziam parte de uma pequena elite, assim descreve Cairns:

“(...) eram banqueiros alemães que tinham boas relações com Carlos V que por sua vez era também Carlos I de Castela, herdeiro de todas as colônias espanholas no novo mundo. Não obstante os welser serem luteranos, Carlos concedeu-lhes sobre a coroa de Castela ampla e soberana jurisdição e domínio na atual Venezuela”(CAINS.1990,P.360)

As primeiras famílias chegaram à princípio em Maracaibo e essas famílias eram luteranas. Formaram assim a primeira colônia de luteranos na América-Latina. Segundo o autor Cairns (1990, p. 361): “O propósito geral dos Welser não era tanto a colonização e nem

⁴ Liberalismo: existem várias vertentes do liberalismo, ligadas, dentre outras, ao pensamento econômico, ao político, ao direito. Todas elas se baseiam na defesa de determinadas liberdades. Na área econômica, por exemplo, desde do século XVIII, na Inglaterra, ganhou força a ideia do livre-comércio, dando origem ao liberalismo econômico. No âmbito político, os pressupostos liberais se formaram no contexto do iluminismo. Enfatizava-se então o indivíduo como entidade principal da sociedade, dotado de determinados direitos naturais inalienáveis. O governo deveria ser representativo, regido por uma Constituição e com poderes divididos em diferentes esferas (executivo, legislativo, judiciário), de forma a evitar o poder arbitrário dos governantes. (“Renascimento - Dicionário” em Só História.2009-2021. Consultado em 15/06/2021 às 01:28. Disponível na Internet em <http://www.sohistoria.com.br/dissionario/palavra.php?id=117>)

a conversão dos nativos e sim a exploração de fato”². Por causa disso pode-se afirmar que os Welser não queriam fazer proselitismo com os índios ou até mesmo formar uma nação protestante nas Américas, as intenções deles eram outras, ou seja, a exploração. Toda colônia em 1532 era formada por luteranos. No entanto, em 1550 essa colônia desapareceu sem deixar rastro. Logo, pode-se dizer que esse grupo de luteranos não obtiveram êxito naquilo que lhe era a intenção, não conseguiram firmar de fato na América espanhola para explorar, já que a sua permanência aqui na América não passou de 21 anos.

Eles não deixaram sequer uma congregação formada, nem ruína de igreja ou documentos que detalhem melhor a sua permanência no Novo Mundo. Estudar este período dos Welser na Venezuela é muito difícil, pois há poucas documentações e poucos livros escritos sobre este período.

Há relatos de que os protestantes apareceram também no México, Peru e Nicarágua nos séculos XVI e XVII, tendo sido rapidamente banidos pelo Santo Ofício. Sobre este período também há poucos relatos historiográficos consistentes. Entretanto, CAINS (1990, p. 361) deixa uma ressalva interessante, vejamos:

“(…) a única presença realmente efetiva que pode ser citada a respeito dos protestantes durante este período, do 16º até princípios do 17º século, é a dos Morávios em São Tomé e Suriname, os metodistas no Caribe inglês e os anglicanos na costa atlântica da América Central, especialmente Honduras e Nicarágua”.

Como se nota, a presença protestante em territórios americanos teve algumas tentativas à partir do século XVI, principalmente na América Central. Essa presença não deixou muitos rastros para serem estudados, por isso, há uma dificuldade muito grande com relação ao estudo deste período e também há dificuldade para poder traçar um balanço historiográfico da influência e da real importância do protestantismo nesse período desta região da América Central. As fontes de estudo para esse período são poucas, isso se dá pelo curto período de tempo que esses colonos sobreviveram nessa região.

Contudo, nos séculos XVI e XVII houve pelo menos duas tentativas de se criar na América do Sul colônias protestantes; e essas tentativas foram feitas no Brasil, primeiro com os franceses no século XVI no Rio de Janeiro e depois com holandeses, no século XVII, em Pernambuco.

A rivalidade nos países europeus foi fortemente influenciada pelas lutas religiosas, tornando-se parte integrante da disputa entre católicos e não católicos. Os reformadores, por sua vez, aproveitavam o ensejo e até mesmo patrocinavam certas ocupações no novo mundo,

a fim de terem um local seguro, sem perseguição religiosa ou outra qualquer animosidade. Com isso, eles buscavam refúgio no novo mundo, principalmente no Brasil.

É bem verdade que a reboque disso tudo também havia um interesse comercial muito grande. Essas duas tentativas de trazer o protestantismo para o Brasil será algo inédito na América do Sul, pois a intenção não será somente a exploração da terra e de suas benesses, vai haver um interesse em se fixarem na terra, ou seja, morarem definitivamente no Brasil, e fazer na América uma extensão territorial de seus países de origem.

A primeira tentativa de se estabelecer alguns protestantes no Brasil foi feita pelos franceses em 1555, com a chegada de uma tripulação de mais ou menos 600 pessoas sob o comando do Vice-Almirante Nicolas Durand de Villegaignon, que nessa época tinha 45 anos.

Segundo o escritor e historiador Elben Lenz (2000, p.37), os franceses tinham objetivos específicos ao virem para o Brasil, segundo este escritor, não havia somente razões econômicas, havia também, razões religiosas muito fortes, que influenciaram a vinda desses europeus para América do sul. O escritor define essas razões de maneira muito clara dizendo que: "Os franceses queriam construir aqui no Brasil a França Antártica, por razões econômicas e de religião. Em nenhum canto da França havia segurança para os protestantes, lá chamados de huguenotes". (LENS,2000, p.39)

O historiador Tavares (1979, p.70-71), confirma essa versão ao dizer que:

"(...) Tratava-se, como se sabe, não apenas de implantar uma praça ou fundar uma cidade, mas, havia também de estabelecer uma França Antártica para servir de centro de refúgio aos reformadores de Calvino, vítimas de perseguições e intolerância dos católicos."

Como se pode perceber, a intenção dos franceses era fazer do Brasil um local de refúgio para os cristãos reformados da Europa, que vinham sofrendo forte perseguição por parte da Igreja Católica. O Brasil seria uma espécie de Genebra para os protestantes perseguidos do continente Europeu. Essa tentativa de trazer o protestantismo para o Brasil é diferente daquela que houve na América Central, pois aqui no Brasil eles vieram não para explorar e sim para se fixarem e fazerem daqui uma França Antártica, já na América Central e na Venezuela, com os Welser ,a intenção dos luteranos era de explorar somente.

O próprio reformador João Calvino se empenhou pela missão de Villegaignon. Calvino mandou para o Brasil pastores protestantes que atenderiam às necessidades espirituais do grupo de huguenotes que para aqui vieram. Villegaignon passou a ser conhecido na França como fundador da cidade do Rio de Janeiro. Seria uma experiência nova, pois contava com a

presença de católicos na mesma expedição. Essa experiência não deu muito certo, pois logo começou haver disputas internas entre católicos e protestantes.

No dia 7 de março de 1557 chegou a segunda leva de colonos franceses para o Brasil, dentre eles estava o doutor em teologia Pierre Richier, o pastor Guillaume Chartier e o historiador Jean de Léry e dez artesões. Três dias depois foi celebrado o primeiro culto protestante Calvinista com a celebração da ceia. Este culto é considerado como o primeiro culto protestante com a celebração da ceia em território brasileiro e por conseguinte das três Américas.

Onze dias depois, 21 de março de 1557, foi organizada primeira igreja evangélica do Brasil e da América do Sul. Esta igreja contava apenas com membros franceses, não havia índios, portugueses ou outra qualquer etnia. A língua usada nesta igreja e em qualquer celebração litúrgica era língua dos invasores, ou seja, o francês.

Porém, a tranquilidade que os calvinistas tinham aqui não durou muito tempo, pois disputas religiosas que vinham da França dividiram a comunidade, alguns protestantes tiveram que voltar para Europa, outros foram expulsos da ilha para um local no continente chamado de Olaria, enquanto que quatro foram mortos por ordem de Villegaignon. Assim descreve o escritor Elben Lenz (2000, p.38), sobre a matança dos franceses por parte de Villegaignon:

“(...) no dia 9 de fevereiro o homem forte da França Antártica mandou estrangular lançar ao mar os quatro signatários de uma confissão de fé reformada: Jean de Boudel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André la Fon. Eles faziam parte da delegação de Genebra e eram leigos. Por ser o único alfaiate dos franceses e por ter voltado atrás, André la Fon, na última hora, foi poupado (...)”.

Como se percebe, a condenação à morte sobrou para os mais pobres, os que tinham maior posição de destaque voltaram com vida para a França. Estes três homens que morreram são considerados por alguns historiadores protestantes como os primeiros mártires evangélicos do continente. Há alguns relatos de historiadores protestantes de que o próprio padre José de Anchieta participara pessoalmente de execução de alguns deles. Porém, isso deve ser analisado e estudado com mais afinco para que se descubra com exatidão essa informação.

A atitude de Villegaignon é vista como atitude de um traidor, já que sete meses antes ele participara do primeiro culto protestante no Brasil. Como tudo indica, Villegaignon se

passou por protestantes na França a fim de obter vantagens econômicas para sua empreitada. O historiador Pombo (1963, p.92), assim descreve a atitude de Villegaignon:

“ O que se infere em suma dos documentos, e da própria conduta de Villegaignon na América, é que o homem nunca deixou de ser católico; e que em França se disfarçou enquanto pôde só para criar um grande motivo que tornasse popular e patriótico o empreendimento planejado, na ilha de Coligny continuou por algum tempo a comédia; e que, assim que sentiu como Henrique II tomava interesse pela obra, e que já não era mais preciso parecer protestante, entendeu que não havia mais necessidade de contrafazer-se”.

Como se nota, na visão desse historiador, atitude de Villegaignon foi uma atitude de fingimento, ele fingira ser protestante na França para poder obter por parte dos reformadores recursos para sua empreitada, e quando não mais precisou desse disfarce logo tratou de agir de conformidade com o seu caráter. Por causa dessa atitude, o Vice-Almirante Villegaignon foi apelidado na França como o “Caim da América”, pois matara os seus próprios companheiros, traindo-os sem que para isso houvesse motivo aparente. (FERREIRA, p.32. 1992).

Em 1565, o novo Governador-Geral do Brasil, Mem de Sá, entrou em aliança com as tribos hostis aos franceses e enviou uma expedição ao Rio de Janeiro. Essa guerrilha durou um ano e na ilha hoje conhecida como “Ilha de Villegaignon”. Finalmente obrigando-os abandonar o território brasileiro e regressar para a França. (DOZER, p.80.1966).

Desta primeira incursão francesa no Rio de Janeiro o que sobrou foi um documento que tem como título: “Confissão de Fé da Guanabara”, essa foi uma confissão calvinista/protestante. A primeira do gênero nas Américas. É a primeira confissão de fé protestante fora da Europa. Essa confissão foi elaborada num espaço de 12 horas, contudo, ela possui uma ordem doutrinária muito sólida. Os seus autores, como foi visto anteriormente, foram mortos logo em seguida a sua apresentação. (FERREIRA, p.86. 1992).

Esses franceses tinham a intenção de se fixarem em território brasileiro definitivamente, de fazer daqui uma extensão da França. São dignos de nota que esses franceses invasores fizeram nenhum trabalho voltado para o proselitismo, eles não tinham a intenção de evangelizar os índios ou os portugueses. Por isso, pode-se dizer que essa primeira tentativa de trazer o protestantismo para América não foi uma incursão missionária, pois visava atender apenas os anseios dos protestantes que vinham perseguidos.

Essa empreitada francesa não obteve êxito por muito tempo, nem tão pouco os calvinistas que para cá vieram conseguiram implantar sua doutrina para os índios e

portugueses, ou seja, não houve nenhuma conversão de nativos e portugueses nesse período. “pode-se dizer que sob todos os pontos de vista, a França Antártica foi um fracasso.” (ELBEN. LENZ. 2000).

Essa primeira tentativa de fazer do Brasil uma parte de território protestante não teve êxito, pois aqui já estavam instalados os portugueses católicos, e a presença de franceses era considerada uma invasão de território, com isso, as forças portuguesas se armavam para que sempre que os franceses se instalassem em território brasileiro, eles fossem expulsos, os franceses sempre estavam em desvantagem bélica e de pessoal, logo eram expulsos pelo governo português que tinha ao seu lado a ajuda dos índios.

A segunda tentativa de se fazer do Brasil uma nação protestante ocorreu com os holandeses no século XVII. A ocupação holandesa do nordeste brasileiro aconteceu graças ao trabalho da famosa WIC (Companhia de Índias Ocidentais). Ela era uma companhia comercial, porém, havia nela o interesse religioso muito grande, a vinda desses holandeses constitui na segunda tentativa de protestanizar a América do Sul, contudo, os personagens são diferentes da primeira tentativa, que eram franceses. Desta feita, a tentativa foi liderada pelos holandeses que vieram para a América com a intenção de expandir suas relações comerciais e também de fazer proselitismo.

Segundo historiador holandês Frans Leonard Schalkwijk, “17% do trabalho pastoral do Brasil holandês era dedicado aos indígenas. De acordo com CÉSAR (2000, p.39) ”A dedicação era tão grande com relação ao proselitismo que no ano de 1642 chegou uma publicação no Brasil de um catecismo trilingue (tupi, português, holandês)”. De acordo com CÉSAR (2000, p. 39) diz:” que tinha como alvo a evangelização dos nativos e outros povos. Segundo o historiador Cabral (p. 20-23) a dedicação dos holandeses era ainda maior, segundo ele, “Pensou-se também na viabilidade de contratar um mestre que pudesse viver nas aldeias indígenas para pregar a palavra de Deus, ministrar os sacramentos e exercer a disciplina eclesiástica”.(CABRAL, p.20-23)

Como se percebe, a atitude dos cristãos reformados holandeses, que eram Calvinistas como os franceses, era mais intensa com relação a evangelização; os holandeses vão olhar para os indígenas e tentarão fazer um trabalho de evangelização parecido com os jesuítas. Eles não se contentarão em propagar a sua religião somente entre os seus próprios pares, eles irão além disso, pois pela primeira vez os protestantes tentarão fazer proselitismo entre os indígenas.

Contudo, é preciso destacar que a implantação da igreja reformada holandesa no Brasil foi uma consequência do trabalho comercial holandês, ou seja, a intenção principal dos holandeses não era fazer proselitismo. Era costume de alguns países católicos e protestantes de que sempre quando houvesse uma expedição comercial, a reboque disso, ocorresse também a propagação da fé. O escritor CÉSAR (2000, p.50) tem a seguinte visão do trabalho holandês no Brasil:

“ Embora tenha desenvolvido um trabalho missionário principalmente entre os indígenas, a igreja reformada holandesa que se estabeleceu no nordeste brasileiro não como resultado do anúncio do evangelho. Ela foi simplesmente transplantada para cá por ocasião da ocupação holandesa em 1630 e desapareceu em seguida à expulsão dos invasores, em 1654. Durou menos de um quarto de século”.

A tolerância religiosa também é tida como uma marca do Brasil holandês. O historiador Sérgio Buarque de Holanda comenta que “essa tolerância religiosa partia, sobretudo do governador João Maurício de Nassau-Siegen”. (HOLANDA. 1985,p.132). Essa tolerância provocou muitos ressentimentos por parte dos calvinistas, pois eles queriam que medidas mais enérgicas fossem tomadas contra as chamadas festas supersticiosas. Porém, segundo mesmo Sérgio Buarque de Holanda, a tolerância religiosa não era total. “católicos e calvinistas concordavam, porém, num ponto: Na repulsa à liberdade de culto aos judeus”. (CÉSAR. 2000,p.50).

Os cristãos protestantes que aqui estavam, obtiveram bom êxito na tarefa de propagar suas crenças, muito mais sucesso do que os reformadores franceses 63 anos antes. Assim narra o pesquisador protestante (CÉSAR. 2000, p.53) sobre as realizações destes cristãos reformados holandeses:

“Estima-se em 22 o número de igrejas no Brasil holandês, todas jurisdicionadas, a princípio, ao presbitério de Amsterdã. Essas igrejas e os demais ministérios paralelos eram servidos por 54 pastores e proponente, 120 presbíteros e igual o número de diáconos, e mais de 100 consoladores e mestres-escolas. A proporção era de um pastor para cada grupo de 222 estrangeiros. Se incluíssemos a população toda (portugueses, brasileiros, índios, escravos, judeus e outros europeus), teríamos um pastor para quase 1700 habitantes”

Como se percebe, a igreja aqui transplantada era uma igreja com cultura europeia, não havia nela dirigentes que não fossem holandeses, essa igreja era subordinada ao presbitério

holandês, os índios e portugueses que se convertiam não faziam parte da sua liderança, eram considerados apenas como membros comuns. Enfim, a igreja aqui transplantada não tinha autonomia, ela era totalmente subordinada aos dirigentes europeus.

Contudo, vai haver algo inédito com relação a propagação da fé reformada no Brasil. Pela primeira vez na colônia vai haver conversões de portugueses ao protestantismo. Entretanto, apesar desse relativo sucesso, segundo o historiador Flávio José Gomes Cabral, havia uma dificuldade muito grande em relação a tentar implantar uma nova doutrina, e porque não dizer, uma nova religião em uma terra totalmente católica. Segundo ele, acontecia também um fenômeno inverso com relação à conversão de católicos. Assim ele narra esse fenômeno:

“ Poucas foram as conversões entre os colonos católicos. Aconteceu justamente o contrário. Muitos flamengos, ao entrar em contato com os costumes tropicais, baldeavam-se para a religião dos luso-brasileiros, principalmente quando se casavam com as filhas destes”. (CABRAL.1987,p.20)

Também uma das marcas desse Brasil holandês foi a sua rígida doutrina, ou melhor, a sua maneira de como os cristãos deveriam viver e se comportar. Havia por parte dos flamengos uma conduta ética religiosa que deveria ser observados por todos os cristãos reformados. (ELBEN.2000, p. 52) narra essa conduta desta forma:

“ No Brasil holandês, dava-se muita importância a fé e a conduta dos fiéis. Era o reflexo da reforma protestante 100 anos antes e um movimento mais recente conhecido como puritanismo holandês. A Bíblia era norma, isto é, norma de fé e comportamento. Era preciso tratar os escravos com mais humanidade, era preciso cuidar dos órfãos, era preciso proteger o meio ambiente, era preciso observar o domingo, era preciso conhecer de perto os dez mandamentos, era preciso consolar os doentes, era preciso controlar as taxas de juros, era preciso ter momento de lazer(...)”.

No entanto, nem sempre essas normas eram cumpridas, pois era muito comum que pastores se envolvessem com prostituição e outros escândalos como embriaguez; e esses delitos se estendiam não só aos pastores, mas também grande parte dos flamengos protestante da colônia.

Apesar de tudo, os holandeses foram muito mais bem organizados com relação a propagação de sua fé quanto os franceses anos anteriores, e por causa disso, apesar de tudo, obtiveram uma resposta mais significativa. Porém, a permanência deles no nordeste brasileiro

durou apenas 24 anos. Assim, com expulsão dos flamengos do Brasil, houve também o esquecimento de sua religião por parte dos nativos que aqui se converteram. A religião protestante não teve força suficiente para continuar entre os nativos após a expulsão dos holandeses do território do Brasil em 1654 pelas tropas de Portugal.

As duas tentativas de trazer o protestantismo para o Brasil não foi um movimento isolado, mas foi antes de tudo uma combinação de negócios com religião. A religião vinha a reboque dos interesses comerciais. Contudo, é digno de nota, que apesar disso, havia por parte dos reformados um interesse muito grande em propagar a sua fé para os nativos, e por esta causa alguns perderam suas vidas, como foi o caso dos huguenotes franceses no século XVI. Não se pode passar despercebido também a dedicação com que os flamengos do século XVII trataram com os nativos da terra e com os portugueses na tarefa de evangelização.

Como se verifica, o Brasil foi o pioneiro na América do Sul quanto aos anseios dos reformadores em fazer daqui uma colônia protestante. Nenhum país da América do Sul sofreu nesse ínterim tantos ataques significativos dos protestantes quanto o Brasil. Há, contudo, muitas lacunas que ainda podem ser estudadas pela historiografia atual.

Há muitas perguntas que ainda devem ser respondidas num futuro próximo, principalmente com relação à vida eclesiástica nesses dois períodos, ou seja, no Rio de Janeiro com os franceses e em Pernambuco com os holandeses. Essas duas tentativas foram significativas por algum tempo, porém em relação a sua permanência deixaram muito a desejar, logo, foram quanto ao aspecto religioso um fracasso.

2. PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX

No início do século XIX a religião que predominava no Brasil era a católica, todas as pessoas que aqui nasciam nesse período eram consideradas católicas, essa religião era a oficial, ou seja, era a religião do Estado. Não havia nesse ínterim qualquer interferência por parte de qualquer outra doutrina religiosa que ameaçasse a hegemonia Católica Apostólica Romana.

O protestantismo no século XVI e XVII que vieram para o Brasil não deixaram raízes e nesse tempo não havia frutos dessa passagem do protestantismo por aqui, era como se nunca tivesse passado por aqui cristãos reformados da Europa. Porém, nunca tinha acontecido ambiente favorável tão grande para que o protestantismo pudesse criar raízes aqui. O mundo

era outro, pois passara pelo impactante século XVIII, o século do Iluminismo, e o Brasil também era outro, mais aberto às novas filosofias.

Diferente das duas primeiras tentativas, o protestantismo que chega no século XIX é vindo num ambiente de paz, não é fruto de uma invasão por parte de um país, como foi o caso da França e da Holanda. Osvaldo Henrique Hack (2000, p.16) comenta em seu livro protestantismo e educação brasileira o seguinte:

“(…) que a igreja reformada do século XVII trazia em seu bojo uma imposição político-religiosa e também a rivalidade europeia entre católicos e protestantes em última instância era uma nação protestante querendo impor-se a um Brasil católico. Por conseguinte, a rejeição luso-brasileira se tornou inevitável. Além de estrangeiros, os invasores holandeses eram protestantes.”

No começo do século XIX o governo imperial começa uma política nova no sentido de implantação de colonos Europeus no interior do Brasil. Essa política começa em 1808 com a criação de colônias agrícolas promulgadas por Dom João IV.

A primeira promulgação data de 1 setembro de 1808 e estabeleceu a vinda de 1.500 famílias e homens e mulheres em idade de se casar. Todos se estabeleceriam na capitania do Rio Grande do sul. (Coleção de leis do Brasil de 1808,1980,p.130). A preocupação da coroa neste período eram duas, para incentivar a vinda de imigrantes para o Brasil: 1- havia neste tempo uma preocupação muito grande em proteger as fronteiras do sul, ante a ameaça espanhola. 1) produzir alimentos – já que o Brasil era uma colônia que até então tinha uma agricultura primária- exportadora voltada para o mercado externo.

Também em 1818 o governo promulgou um decreto que aprovou a criação de uma colônia de 100 famílias católicas em Friburgo, no Rio de Janeiro; pelo decreto, os colonos receberiam a passagem, o título da terra, além de bois, cavalos, vacas, ovelhas, cabras, e diversas variedades de sementes. (Coleção de leis do Brasil de 1808,1980,p.134).

Esse incentivo para vinda de imigrante Europeu para o Brasil favoreceu que se estabelecessem colônias de cunho protestante no Brasil, tais como Luteranos, ortodoxos, Calvinistas e Metodista. O governo e os políticos da época não ostis a estes grupos, ao contrário, viam nesses europeus uma chance muito boa de mudar a visão do colono e de um futuro com uma nação mais embranquiçada.

O europeu era visto como um indivíduo empreendedor, inteligente, dado ao trabalho e a inovação; indivíduos com ideias modernas e atuais para a época. Lembrando que a corte brasileira tinha uma cultura europeia entranhada em suas mentes.

Como se nota, o protestantismo que vem para o Brasil no século XIX é um protestantismo que tem como finalidade ganhar as mentes e almas brasileira através das ideias e não com uma imposição do Estado. Neste período, principalmente na segunda metade do século XIX, o país estava politicamente com certa estabilização, bem melhor do que nos séculos anteriores, ou seja, nos séculos XVI, XVII e XVIII. O protestantismo não é mais visto como uma ameaça ou como uma religião dos invasores.

Várias razões contribuíram para que o protestantismo se firmasse no Brasil no período do século XIX, este trabalho não tem por finalidade esgotar este assunto, até porque ele é muito amplo, contudo, será destacado aquilo que pode ser considerado fatores determinantes para esse fenômeno que ocorreu no Brasil no século XIX, dentre esses fatores podem-se destacar, a vinda de imigrantes luteranos para o sul do Brasil, pois a reboque eles traziam sua religião, a situação do catolicismo imperial que estava sendo alvo de críticas dividido eclesiasticamente e sendo criticado por boa parte da elite brasileira, a contribuição de políticos liberais que via no protestantismo a esperança de progresso, pois o protestantismo era visto como a religião dos países progressistas e, por fim, a vinda de missionários Norte-americanos que vinham para fazer proselitismo.

2.1 POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO

Já vimos que o protestantismo começou a se fixar no Brasil a partir da primeira metade do século XIX. Um dos fatores que contribuiu para que isso ocorresse foi a vinda da corte portuguesa para o Brasil, que fugira de Portugal, ou seja, das lutas napoleônicas em 1808. Com a ajuda e escolta da Inglaterra D. João ao chegar ao Brasil, uma das primeiras medidas tomadas foi abrir os portos as nações amigas, beneficiando assim a Inglaterra. Essa medida favoreceu para que estrangeiros, principalmente protestantes, viessem para o Brasil, tanto em viagens de negócios, quanto para morar e fazer família. O historiador Hélio Viana (1962, pp. 172-173) assim descreve essa situação:

“Como resultado de Tão liberal disposição não tardaram a servi-se dela muitos estrangeiros espontaneamente entrados no país, que assim se tornaram proprietários de terras brasileiras, cultivando-as e legando-as por morte, aos seus descendentes, cedo integrados a comunhão nacional. Europeus que fugiram às lutas napoleônicas fixaram-se, então, no Brasil, e não só nas atividades urbanas, mas também no campo, em arrabaldes citadinos é mesmo no interior”.

Grandes partes desses estrangeiros eram ingleses protestantes, com isso havia necessidade deles se reunirem para os seus trabalhos de culto e reuniões particulares. O Brasil concederá esses direitos para os ingleses a partir do tratado de comércio de 1810, tratado firmado com a Inglaterra. É bem verdade que esse tratado tinha algumas restrições quanto ao culto protestante e suas instalações. O historiador Júlio Andrade Ferreira (1992, p.69) em seu livro, *Religiões no Brasil*, descreve um trecho deste tratado. Vejamos:

“Sua alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal declara e se obriga no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores a que os vassallos de Sua Majestade britânica residente em seus territórios e domínios não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião, mas, antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra ao Todo-Poderoso Deus; quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas particulares igrejas e capelas que Sua Alteza agora e para sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem manterem dentro de seus domínios e conquistas, contanto que as sobreditas capelas sejam construídas de tal maneira exteriormente se assemelhem a casa de habitação e também que o uso de sinos não sejam permitidos”.

Esse tratado de comércio foi um fator determinante para a vinda de protestantes ingleses para o Brasil, pois até então os estrangeiros protestantes que vinham para o Brasil eram impedidos de realizar qualquer tipo de celebração litúrgica de cunho protestante. Essa permissão do Estado brasileiro foi um avanço com relação a uma política de imigração que agradasse os estrangeiros, principalmente os ingleses que nesse período eram mais importantes e mais numerosos. Segundo o historiador evangélico Elben Lenz César (2000, p.75) a constituição de 1824 confirmou o que dizia o tratado de comércio anos antes. O dito historiador faz uso da situação da citação da própria constituição e narra:

“ Mas a constituição de 25 de março de 1824 dizia: A religião católica apostólica romana continuara a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma algum exterior de templo. Portanto nada de torre, nada de sino, nada de cruz”.

Como se observa a Constituição de 1824 foi mais avançada do que o Tratado de Comércio, pois agora a liberdade religiosa não atinge somente aos ingleses. Neste momento, todos os estrangeiros protestantes serão agraciados, principalmente os alemães que eram em grande número no Brasil imperial. O Estado continuava como religião oficial a católica, porém a tolerância para com outras religiões, principalmente a protestante, será mais efetiva e

oficial, pois fizeram parte da primeira constituição oficial da nação. Contudo, ainda não vai haver uma política efetiva que tratasse os imigrantes protestantes com os mesmos direitos dos católicos, casamentos e enterros por exemplo ainda eram administrados pela igreja romana.

Entretanto, a liberdade religiosa favoreceu para que houvesse a chegada de muitos protestantes em território brasileiro, principalmente ingleses e alemães. No entanto, o protestantismo de imigração não tinha como objetivo fazer proselitismo no território brasileiro e sim um protestantismo doméstico, visava apenas atender as necessidades dos próprios colonos sejam eles ingleses ou alemães e manter sua cultura. Os cultos protestantes, por exemplo, eram realizados na língua materna dos colonos, sejam eles alemães ou ingleses. O historiador Marcio Gimenes de Paula (2006, p.26-28), em matéria publicada na revista Nossa História em dezembro de 2006 confirmar essa versão da seguinte maneira:

“ O protestantismo era praticado aqui apenas entre os imigrantes. Não possuía nenhum plano missionário ou de expansão, limitando-se a dar assistências àqueles que já havia aderido a reforma em seus respectivos países”.

Chega-se à conclusão que o protestantismo de migração, ou seja, os imigrantes que vieram para o Brasil, principalmente na primeira metade do século XIX, tinha como alvo trabalhar e progredir e não fazer qualquer tipo de proselitismo. A religião só era mais uma faceta da cultura que os imigrantes queriam manter preservada.

Mesmo com tratado de comércio firmado com a Inglaterra em 1810, dando liberdade de culto para os protestantes ingleses, segundo Antônio Gouvêa Mendonça (2002, p.27), o pioneirismo do protestantismo no Brasil pertence a outro grupo, a saber, os alemães. Assim ele se expressa em seu livro:

“ Sob o ponto de vista institucional, isto é, com a formação de comunidades permanentes, são os imigrantes alemães os pioneiros na implantação no Protestantismo no Brasil. Esse pioneirismo tem como marco inicial a comunidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, fundada em 1824 pelo pastor Friedrich O. Sauerbronn, com 334 imigrantes evangélicos alemães. No Sul, também em 1824, 43 imigrantes alemães fundaram, no Rio do sinos, uma comunidade que recebeu o nome de São Leopoldo em homenagem à Imperatriz Leopoldina”.

Como se pode observar, o protestantismo de imigração, não tinha como alvo a evangelização dos brasileiros, que por sua vez se mantiveram, principalmente na primeira metade do século XIX, longe da realidade protestante. A religião era apenas mais um aspecto da cultura dos imigrantes que deveria ser mantida com a vinda de pastores que atenderiam

essas comunidades. Porém, havia uma realidade que até então não existia, que era certa liberdade religiosa, que em 1810 era assegurada pelo Tratado de Comércio e depois foi confirmada pela Constituição de 1824.

“A imigração Alemã recomeçou em 1845. Só no ano seguinte chegaram 1749 colonos. É possível que o Brasil Tenha recebido 3000 imigrantes de língua Alemã no correr do século XIX. Além das provinciais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, alguns foram para santa Catarina, Paraná, espírito Santo e Minas Gerais (Teofilo Antoni e Juiz de fora). Eles eram pequenos agricultores, em grande número, e trabalhadores assalariados, em pequeno número. Entre eles avia muito mais nascimento do que morte. Percebe-se isso pelos registros pastoris: no período de 20 anos compreendidos entre 1850 e 1869, houve 461 batismos de crianças e apenas 71 cerimonia fúnebres... Presavam e mantinham suas origens germânicas, o que se chamava de solidariedade étnica”.

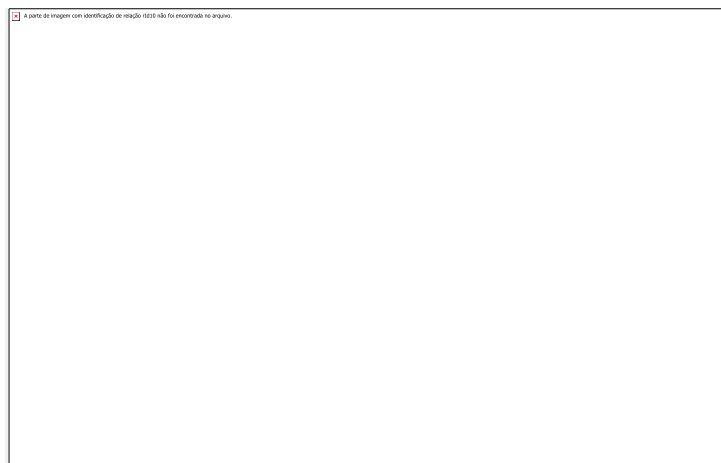
Procedência de alguns grupos alemães para o Sul do Brasil		
Localidade	Fundação	Origem
São Leopoldo RS	1824	Hunrück, Saxônia, Württeerg, Saxônia-Coburg
Sta Cruz RS	1849	Renânia, Pomerânia, Silésia
Sto Angelo RS	1857	Renânia, Saxônia, Pomerânia
Nova Petrópolis RS	1859	Pomerânia, Saxônia, Boêmia
Teutônia RS	1868	Westfália
São Lourenço RS	1857	Pomerânia, Renânia
Blumenau SC	1850	Pomerânia, Holstein, Hannover, Braunschweig, Saxônia
Busque SC	1860	Bade, Oldenburgo, Renânia, Pomerânia, Schleswig-Holstein, Braunschweig
Joinville SC	1851	Prússia, Oldenburgo, Schleswig-Holstein, Hannover,

		Suiça
Curitiba PR	1878	Teutos do Volga
Sta Isabel ES	1847	Hunsrück, Pomerânia, Renânia, Prússia, Saxônia
São Leopoldina ES	1857	Pomerânia, Renânia, Prússia, Saxônia

Fonte: WILLEMS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p.38-39.
Nota: Tabela organizada pelo autor.

© 2021 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Esses imigrantes protestantes não vão querer apenas o direito de realizar seus cultos, eles vão querer mais, pois até aquele momento os protestantes não pode casar, enterrar seus mortos em cemitérios públicos e outras coisas mais, pois esses serviços eram controlados pela igreja católica. Segundo o historiador protestante o Osvaldo Henrique Hack (2000, p.26) a situação para o estrangeiro, principalmente protestante, “começou a mudar para melhor a partir do segundo reinado, com Dom Pedro II. ”(HACK. 2000,p.26). A nova mentalidade de progressos e necessidade do apoio tecnológico de outros povos levou o governo brasileiro a discutir estabelecer a política de imigração, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.



© 2021 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Como se notou o protestantismo praticado pelos imigrantes não era um protestantismo com influencias brasileiras, era assim, uma religião europeia transplantada no

Brasil com todas as características dos países de origem, os rituais não eram diferentes dos rituais europeus, a língua utilizada nestes ritos era a língua dos países de origem dos imigrantes. Diferente do catolicismo, o protestantismo praticado no Brasil pelos imigrantes não sofreu qualquer influência da cultura brasileira. Não havia um protestantismo tipicamente brasileiro, entretanto, a primeira metade do século XIX é o marco inicial da chegada dos primeiros colonos protestante no Brasi.

3. O PROTESTANTISMO COMO TENTATIVA DE EMBRANQUECER A POPULAÇÃO BRASILEIRA.

Na segunda metade do século XIX o liberalismo era uma realidade no Brasil e no mundo. Os liberais brasileiros formavam parte de uma elite social e política e eram grandes admiradores dos países protestantes, que segundo eles, eram modelos de pensamento e de progresso.

“O fracasso da lei do casamento civil, proposta por Nabuco de Araújo, em 1866, não destruiu imediatamente nem a ideia do projeto nem a perspectiva da imigração dos confederados. Algumas pessoas desejavam seriamente que essa imigração se efetuassem os paulistas especialmente que já tinham naquele tempo uma boa dose do espírito que Joaquim Nabuco chamou de Yankeismo, destacaram-se no seu apoio a essa imigração”

(VIEIRA, 1980, p.232)

Na visão dos políticos liberais brasileiros, os países mais prósperos do século XIX eram países de cunho protestantes, esses políticos, de certa forma, queriam que a nação brasileira seguisse o modelo desses países. Antônio Gouvêa Mendonça em seu livro “Introdução ao Protestantismo no Brasil”, fala sobre essa visão que os políticos liberais brasileiros tinham dos protestantes, principalmente dos anglo-saxões:

“O Brasil, como toda a América Latina, voltava-se com admiração para os modelos anglo-saxões de pensamento e progresso. O comércio inglês, a agricultura germânica e até mesmo uma possível contribuição norte-americana através de imigrantes confederados constituíram componentes do desejado surto de modernização e progresso. Mas, acima de tudo, e porque não representava nenhum risco político, desejava-se assimilar ideias e práticas que tinham transformados os anglo-saxões em líderes do mundo”. (MENDONÇA,2002,P.73)

Nota-se aí uma diferença muito grande com relação ao pensamento dos séculos anteriores do século XIX, pois agora, o protestantismo é visto como a religião dos países mais

desenvolvidos do mundo. Esta nova religião não era mais vista como uma ameaça. Boa parte da intelectualidade e elite brasileira enxerga o protestantismo como consequência do modelo de modernização e progresso dessas nações desenvolvidas. O interesse dos políticos liberais não era tanto a religião em si, contudo, eles achavam que o protestantismo e seu modo de ver o mundo, faziam com que uma nação pudesse prosperar.

“O Anglo-Brazilian Times informou que um grande numero de agentes dos fazendeiros tinham corrido ao hotel, onde os primeiros confederados estavam hospedados para contrata-los. Como “colonos”, seriam ou trabalhadores alugados ou meeiros. A pressão feita pelos fazendeiros sobre os confederados, para que assinassem o contrato, foi tão grande a princípio, que Charles Nahtan escreveu uma carta ao Anglo-Brazilian Times, explicando ao publico que aquelas pessoas não eram colonos europeus ignorantes, mais ex-proprietários educados, profissionais, mecânicos e etc: que queriam terras para si mesmos e que mereciam todo o auxilio que lhes pudesses ser dado para obterem esse alvo”. (The Anglo-Brazilian Times, Rio 25 de janeiro de 1866).

Essa teoria de que os interesses dos políticos liberais não era tanto a religião se confirma pelo fato que o número de políticos liberais brasileiros que se converteram ao protestantismo foi quase inexistente. Havia uma defesa de liberdade religiosa para os protestantes aqui no Brasil, porém a maioria desses políticos não eram protestantes.

Contudo, não era apenas o liberalismo brasileiro que via no protestantismo o caminho para o progresso e sucesso da nação. Os próprios protestantes que vieram para o Brasil, principalmente na segunda metade do século XIX, tinham em mente o seguinte: Que a reboque da religião protestante, viria para o Brasil também o progresso em todas as áreas.

O historiador pernambucano David Gueiros Vieira, em seu livro intitulado “O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil”, comenta de uma carta que o primeiro pastor presbiteriano no Brasil, o jovem James Cooley Fletcher mandou para seu pai. Vejamos:

“Fletcher, nesta carta, começava a formular o que parece ter-se tornado seu plano de ação e por algum tempo sua grande obsessão: converter o Brasil ao protestantismo e ao ‘progresso’. Para ele, o protestantismo equalizava-se ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico”.(VIEIRA.1980,p.23)

Os ideais de Fletcher refletem boa parte do pensamento de protestantes que vinham somente para fazer proselitismo ou propagar sua fé. Eles tinham na mente, também, a vontade de fazer do Brasil e dos brasileiros uma nação mais próspera e moderna. O protestantismo que chegou ao Brasil tinha intenções fortemente pragmáticas: pretendia ser elemento transformador da sociedade através da transformação do indivíduo. Alguns pastores vinham para o Brasil para trabalhar, e a reboque disso, propagar sua religião. Esses missionários queriam que o Brasil se tornasse como a sua nação de origem, principalmente os norte-americanos.

“É curioso observar que o aspecto racial era um elemento importante nos argumentos liberais em apoio à imigração, que estavam começando a ser formulados nas discussões da Sociedade de Imigração internacional. (...) Newton Bennaton, que, a despeito de seu nome não latino, era brasileiro, educado em Maryland, publicara artigo no Diário de São Paulo 1866, em favor da imigração dos confederados. Argumentara que estes deviam – se ajudado a vir para o Brasil porque a raça anglo-americana não tinha rival no mundo... É a raça que é mais apropriada para nós... laboriosa, empreendedora e perseverante”. (VIEIRA,1980,p.234).

Esse pensamento reflete a realidade da época, para os protestantes desse período era imprescindível que a fé fosse aliada do progresso, somente a religião não bastava, era necessário que o corpo fosse cuidado, ou seja, o desenvolvimento da nação.

Na corte, muitos políticos liberais consentiam com as ideias de Fletcher de que o progresso viria para o Brasil junto com a religião protestante, dentre esses políticos podemos citar o deputado Aureliano Cândido Tavares Bastos, que era amigo de Fletcher e que foi um político muito influente de sua época e defensor incontestável do progresso, da liberdade e do protestantismo. Também era um admirador absolutamente irrestrito pelos Estados Unidos da América e pela cultura Americanas. Tavares Bastos é a expressão exata do político de linha liberal na época do Brasil Império. Vieira (1980, p.23), descreve esse político como alguém que defendia os interesses dos protestantes:

“Ao chegar ao Brasil, Fletcher achou Tavares Bastos como o enfant gaté dos protestantes estrangeiros. O jovem deputado tinha captado essa admiração não apenas por suas ideias persistentes em favor do comércio livre, da imigração em massa, mais também por ter-se pronunciado a favor da propaganda protestante do Brasil. Em setembro de 1861, Tavares Bastos publicara uma carta no correio mercantil, acusando a alfândega de ter-se tornado a chancelaria da nunciatura. O missivista exigia que a alfândega liberasse uma caixa de panfleto protestante”.

Como se observa, Tavares Bastos é um exemplo muito bom do típico político liberal, que tem na mente um pensamento progressista, pensamento que tem como modelo países de primeiro mundo, principalmente aqueles de cunho protestante, como é o caso dos Estados Unidos da América. Segundo esses políticos, o pensamento e a doutrina protestante de alguma forma contribuía para o desenvolvimento de um país e a vinda desses pastores para o Brasil era uma benesse que deveria ser incentivada e protegida.

Segundo Vieira (1980, p.99), Tavares Bastos defendia os interesses liberais e protestantes por meio da correria Mercantil, sob o pseudônimo de “O solitário”.

“O solitário distinguia-se pela sua habilidade de apresentar ideias progressistas e liberais, tais como, a abertura do Amazonas a navegação internacional (que em sua mente estava intimamente ligada ao conceito da imigração protestante), o casamento civil para os protestantes e a completa liberdade de culto”.

Nessa época não havia uma política de imigração, principalmente para os protestantes que vinham para o Brasil. Isso de alguma forma trazia certo temor por parte dos políticos e as elites que queriam que a vinda de imigrantes protestantes fosse incentivada. Vejamos o que um dos conselheiros políticos do Imperador D. Pedro II disse sobre a necessidade de trazer imigrantes brancos para branquear a população brasileira:

“Aguiar tomava, 1862, posição racista semelhante aqui foi mais tarde trazida a atenção do Imperador pelos escritos do professor Agassiz. Este afirmou que uma classe melhor de brancos era necessária para povoar o Amazonas. Os Portugueses, facilmente adaptáveis na sua opinião, tinham-se tornado tão degenerados que se haviam rebaixado ao nível de “selvagem”, comendo no chão com os dedos, como os Índios faziam. Os Ingleses e os Americanos, pondera o professor, poderia ser injustos no seu tratamento dos índios, mas ao menos não se degradavam ao nível social dos selvagem”, (AGASSIZ, pp. 246- 247.-está no livro do Vieira)

Nesse período, a igreja católica controlava funções básicas, tais como: casamento e cemitérios. Os protestantes que vinham para o Brasil não tinham direito, pelo menos oficial, de casar ou de ser enterrado em cemitérios públicos. Por causa disso, os políticos liberais fizeram campanha para que fosse adotada uma política de imigração, principalmente para os protestantes para que viessem para o Brasil.

Essa sanha para branquear a população brasileira era intensa em alguns grupos elitizados; essa visão também era compartilhada por estrangeiros que por aqui passaram ou moravam. Vejamos a fala de um Capitão Norte – Americano:

“Jonh Codman, 1877, também expressou ponto de vista semelhantes aos de Aguiar e Agassiz afirmando que nenhum povo tinha praticado a miscigenação tão descuidadamente como os brasileiros mas esta, comentava o capitão “Yankee”, era maneira portuguesa. Em qualquer parte por onde os portugueses andassem quer na Índia ou na China rebaixaram a raça humana ao nível quase que igual ao do orangotango”. (VIEIRA,1980,p.236).

A intenção de Tavares Bastos e de outros políticos liberais em receber protestantes no Brasil, não se concentrava apenas em sua religião, contudo, tinha um teor racista também, já que para o deputado e outros liberais brasileiros, a mistura de raças no Brasil era uma das causas de seu atraso. O missivista declarou que “era preciso colocar outra alma no corpo brasileiro, a saber, a imigração protestante”. (VIEIRA.1980,p.102).

Vieira (1980, p.103), cita um texto de Tavares Bastos onde ele expõe essa ideia. Vejamos:

“Abrir francamente as portas do império ao estrangeiro, colocar o Brasil no mais estrito contato com as raças viris do norte do globo, facilitar comunicações interiores e exteriores, promover a imigração germânica, inglesa e irlandesa, e promulgar leis para mais plena liberdade religiosa e industrial”.

Evidentemente a intenção dos liberais não era tanto a religião protestante em si, mas era impossível desvinculá-la dos missionários protestantes, considerados como arautos do liberalismo e do progresso. Era impossível permitir um e não permitir outro.

O historiador protestante Elben Lenz César confirma a versão de que a vinda de protestantes para o Brasil tinha como objetivo o branqueamento da população. Elben (2000, p.73) em seu livro se expressa dessa forma:

“Os alemães vieram para o Brasil, entre outros motivos, para branquear a população brasileira, por demais negra, para dificultar uma possível revolta dos escravos, para garantir a posse da parte meridional do país contra os espanhóis, para criar uma classe intermediária entre latifúndio e o escravo, e para fazer a Terra produzir”.

Os liberais da época olhavam para a mistura das raças no Brasil como um mal que deveria ser extirpado da nação. Para eles, índios e negros eram seres atrasados e a mistura com essas raças levaria o atraso também de nossa nação. Nessa época, boa parte da sociedade já afirmava que o Brasil não se desenvolvia por causa das misturas de raças. Como se verificou anteriormente a intenção dos liberais era criar uma “classe média”, ou seja, uma classe intermediária entre o escravo e latifúndio. A vinda de protestantes para o Brasil será

apoiada por grande parte da camada social e política da época. O historiador Émile G. Leonard (1963, p.73) assim descreve essa situação:

“(...) os próprios reacionários – corcundas, camelos, galegos, os destacados caramurus, e, piores que todos, aos olhos dos jovens exaltados, os moderados, não se contentavam em receber da Inglaterra os seus chapéus de feltro: adotavam também muitas de suas ideias. Simpatizante da Inglaterra tanto quanto de Portugal, não possuíam preconceito contra o protestantismo, religião do país que salvara outrora a coroa Portuguesa”.

Em regra, os intelectuais brasileiros assimilavam essas ideias sem qualquer contestação e questionavam apreensivos como o Brasil se desenvolveria, uma vez que o país era constituído em sua maioria por uma população não branca – negros, indígenas e mestiços. Acreditar nas teorias racistas, formuladas na Europa e nos Estados Unidos, era conveniente para as elites brasileiras, pois assim seria possível legitimar e naturalizar as hierarquias sociais existentes no Brasil, mesmo após o final da escravidão. Por outro lado, aceitar o racismo científico significaria admitir que a nação brasileira, em sua maioria, era composta por uma população racialmente inferior. Para superar esse obstáculo, foi formulada no Brasil uma reinterpretação endógena dessas teorias estrangeiras: a tese de branqueamento. Conforme o apontamento de Lilia M. Schwarcz: “A saída foi imaginar uma redescoberta da mesma nação, selecionar e digerir certas partes da mesma teoria, com a evidente obliteração de outras; enfim, prever ‘um modelo racial particular’” (SCHWARCZ, 1996, p. 89).

A tese de branqueamento se constitui num processo de eugenia, no qual a população brasileira iria “europeizar-se” a partir de três fatores: influxo de imigrantes 5 Anteriormente o conceito de raça era carregado de um sentido biológico, que buscava definir diferenças objetivas entre as raças humanas. Os avanços de áreas como a genética a partir da segunda metade do século XX trouxeram evidências de que não existem diferenças biológicas entre as populações humanas que autorizem dividi-las em “raças”.

Como foi observado, o protestantismo era visto como a religião daqueles que salvaria nação do atrasado, aqueles que tinham em seu espírito as marcas do desenvolvimento do progresso. O olhar dado para o protestantismo era diferente do dado para o catolicismo, pois o catolicismo não tratava e não se preocupava com o desenvolvimento da pessoa em termos pessoais, ou seja, não se preocupava com desenvolvimento científico, tecnológico de uma nação. Para os políticos simpatizantes do protestantismo, a visão católica era muito atrasada, e só contribuía para o atraso da nação.

Diferente de outras épocas, agora, o protestantismo encontrou um ambiente favorável, pelo menos de uma boa parte da sociedade brasileira, para que a sua implantação fosse feita de maneira definitiva. Mesmo que essa aceitação seja feita por pessoas que tinham outros interesses, que não a religião em si.

4. O MODO DE VIDA PROTESTANTE COMO MODELO DE PROGRESSO

Depois de duas tentativas frustradas de inserção do protestantismo no Brasil, primeiro com os franceses entre os anos de 1555 e 1560, depois com os holandeses entre os anos de 1630 e 1654, o protestantismo finalmente se insere no Brasil no século XIX. Seu primeiro momento, o protestantismo teve um impulso basicamente imigratório, isso, como foi visto, graças ao tratado de comércio de 1810 com a Inglaterra e também graças a constituição de 1824 que dava plena liberdade de culto para as religiões acatólicas, beneficiando assim o protestantismo de imigração, principalmente os ingleses e os alemães. Também não se pode esquecer do declínio da igreja católica, que favoreceu ao protestantismo e também o apoio da política liberal para vinda de imigrantes protestantes para o Brasil.

Contudo, o protestantismo só começou a criar raízes e frutos no Brasil a partir da segunda metade do século XIX com vinda de missionários, principalmente norte-americanos, que vinham para o Brasil para fazer proselitismo. O autor católico Mendonça (2002, p.12) confirma essa versão em seu livro. Vejamos:

“(…), Mas a população brasileira só foi diretamente afetada pela presença de cristãos não-católicos quando começaram a chegar ao Brasil, nos anos 1850, os primeiros missionários protestantes que vieram com a finalidade explícita de propagar sua fé. Esse segundo impulso responde pela inserção no país do que chamamos aqui de ‘protestantismo missionário’. Através deles instalaram-se no Brasil a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal”.

É somente neste período que a religião protestante se infiltrara nas camadas sociais do Brasil. Segundo Antônio, a vinda de missionários norte-americanos tinha como objetivo não só de trazer a religião protestante, mas também tinha como alvo trazer modo de vida americano, tinha como objetivo fazer do Brasil uma nação americanizada. Assim, Mendonça (2002, p.31) descreve essa visão:

“(...) Surgiu a vocação norte-americana de transferir para a América Latina os benefícios do ‘sonho’ americano’ ou do ‘estilo americano de vida’, cujos componentes são patriotismo, racismo e protestantismo. Tem sido comum a tese de que foi esse caldo de cultura o ponto de partida das missões protestantes na América Latina(...)”.

O autor Elben Lenz César (2000, p.78) é participante dessa versão de que os missionários nortes americanos traziam em sua bagagem o modo de vida americano, contudo, ele atribui esse fenômeno a falta de preparo e a ações inconscientes dos missionários. Vejamos em suas próprias palavras:

“Pode ser que entre eles houvesse algum turista travestido de missionário. Outros confundiram evangelismo com americanismo e pregaram as duas coisas ao mesmo tempo, parte desses deslizes eram inconscientes, devido ao nacionalismo exacerbado e à falta de preparo missiológico, sobretudo na área da ciência chamada de antropologia missionaria com o seu conceito de contextualização”.

O historiador presbiteriano Antônio Máspoli de Araújo Gomes, tendo como referencial os missionários presbiterianos na cidade de São Paulo no século XIX, confirma a ideia de “implantação do modo de vida americano pelos missionários que vieram para o Brasil”. (GOMES. 2000,p.40).

O Elben reforça a tese de que esses missionários eram, em sua maioria, pessoas bem preparadas teologicamente e disposta para a propagação de sua fé evangélica. Demos a palavra a Elben (2000, p.79):

“Em geral tinham boa cultura teológica. Uma grande parte era formada de missionários realmente vocacionados, apaixonados por Jesus, homens e mulheres piedosos, pessoas de oração, de testemunho impecável, dispostos de a qualquer sacrifício em favor do evangelho e em favor dos fies”.

O alcance do protestantismo missionário atingiu todas as classes de pessoas. Segundo o professor Léonard dede o início “pessoas de todas as classes sociais se fizeram representar no protestantismo”, no entanto, é notório que isso ocorreu com bastante intensidade nas classes mais privilegiadas. Isso favoreceu para a expansão do protestantismo. (LÉONARD. 1963,p.83).

O historiador Alderi Souza de Matos destaca o trabalho missionário de Robert Reid Kally, que foi um dos primeiros missionários no Brasil, e que tinha certa influência na sociedade por ser médico. Alderi trata da conversão do primeiro fruto de Kalley no Brasil, que foi “Pedro Nolasco de Andrade, batizado em 11 de junho de 1858”.(MATOS. 2003,p.84).

Esse dia é considerado como a data de organização da Igreja Evangélica, mais tarde conhecida como Igreja Evangélica Fluminense, para poder se distinguir da Igreja Presbiteriana fundada em 1862. A igreja do bairro da Saúde, fundada por Kalley, é considerada como a primeira igreja evangélica de língua portuguesa a surgir no Brasil, isto é, a primeira de missão que conseguiu lançar raízes duradouras no país.

Segundo Matos “todas as igrejas existentes naquelas naquela época ou anteriormente eram constituídas de estrangeiros”. (MATOS. 2003,p.88). Destaca ainda duas conversões importantes para o protestantismo missionário, é importante, pois trata de pessoas de alta sociedade, mostrando assim, que a religião atingira todas as camadas da sociedade. Vejamos:

“Outro marco importante do ministério do autor Kalley foi o batismo de duas senhoras de alta posição, Gabriela Augusta Carneiro Leão e sua filha Henriqueta Soares do Couto, ocorrido em Petrópolis no dia 7 de janeiro de 1859. Dona Gabriela era irmã do marques do Paraná e do barão de Santa Maria(...)”.(MATOS.2003,p.89)

Kalley usa métodos de evangelização que foram pioneiros no protestantismo do Brasil, vejamos quais eram esses métodos:

“Seu uso da medicina e da educação como meios de serviços cristão e instrumento para evangelização continuam válidos até hoje. Outras estratégias que utilizou também se revelaram muito eficazes e exerceram uma influência duradoura sobre o protestantismo luso-brasileiro: reuniões informais nos lares; distribuição ampla das escrituras e de literatura cristã; uso da imprensa diária para a publicação de livros; produção de hinos visando a instrução dos crentes e a evangelização; treinamento de líderes leigos como colportores e evangelistas”.(MATOS.2003,p.94)

É digno de nota, que antes de o doutor Kalley começar o seu trabalho no Brasil, passou por aqui os missionários metodistas Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder, isso ocorreu na primeira metade do século XIX, porém, o trabalho deles precisou ser interrompido, por isso não deixaram frutos, apesar de Daniel ter sido o primeiro missionário a viajar por quase todo o Brasil distribuindo Bíblias. (MATOS. 2003,p.90)

No início do protestantismo missionário houve pelo menos três nomes que foram muito importantes para expansão da religião no Brasil, principalmente na segunda metade do século XIX, um deles já foi falado que foi o doutor Kalley, o outro foi o missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, que no seu pouco tempo de Brasil, deixou um legado considerável. Simonton é considerado como o fundador da Igreja Presbiteriana no Brasil em

1862, essa igreja foi a denominação protestante que mais cresceu neste período. Hack (2000, p. 33) resume o legado de Simonton da seguinte forma:

“No curto período de oito anos, recebeu 80 pessoas por profissão de fé, organizou a primeira igreja, a primeira escola presbiteriana, o primeiro jornal, o primeiro presbitério e o primeiro seminário no Brasil. Deixou dezenas de sermões escritos e folhetos evangelístico, além de um comentário inacabado do evangelho de Mateus(...).”

Como se percebe, o presbiterianismo chegou ao Brasil com muita força, explorando todos os meios possíveis para a divulgação da religião. Contudo, a igreja que Simonton plantou no Brasil não era uma igreja nacional, ou seja, independente. Não obstante, desenvolveu um trabalho Evangelístico muito apreciável, isso também graças ao terceiro nome importante do protestantismo no século XIX, que foi o ex-padre chamado José Manuel da Conceição. Esse ex-padre se converteu ao presbiterianismo e é considerado como o primeiro pastor brasileiro. O trabalho de Conceição foi muito importante para a divulgação do protestantismo pelo interior, principalmente de São Paulo, pois até então os missionários que vinham para o Brasil, se preocupavam em fazer a divulgação do evangelho somente na capital ou nas grandes cidades.

Segundo o historiador Marcio Gimenes de Paula (p.28):

“(...) Conceição, a despeito de sua erudição, optou sempre pela evangelização direta. Num tempo em que o analfabetismo era uma realidade concreta na vida de milhares de brasileiros, o protestantismo rural se firmava através de suas pequenas escolas, que ensinavam, na maioria dos casos, a leitura da Bíblia (...).”

Tanto Kalley, quanto Simonton e José Manuel da Conceição refletem um tipo de cristianismo parecido, pois ambos os três eram frutos do calvinismo e traziam dentro de si uma vontade de propagar o evangelho visando a pessoa como um todo, isso se mostra na preocupação que eles tinham com a educação.

Protestantismo no Brasil e seu sistema educacional implantado aqui é uma lacuna que deve ser estudada com muito afinco pelos historiadores, pois ainda há algumas perguntas que devem ser respondidas para podermos entender esse fenômeno e esse momento histórico.

Houve também neste período, como fruto do protestantismo missionário, a vinda de denominações que não eram calvinistas, que foi o caso da igreja Metodista e Batista, por exemplo. Após tentativas frustradas em 1836 no Rio de Janeiro, os Metodistas conseguiram

se estabelecer no Brasil definitivamente em 1886. Mendonça (2002, p.40) traça um perfil dessa denominação. Vejamos:

“Sob o ponto de vista da tradição e da teologia, a igreja Metodista é dentre as de origem missionária norte-americana, a mais coerente. Mantem a tradição episcopal norte-americana e a teologia arminiano-wesleyana convercionista e individualista dos avivamentos da Inglaterra e dos Estados Unidos (...)”

Como se nota, a igreja Metodista tem pouco em comum com as igrejas calvinistas desse tempo, principalmente com relação ao sistema de governo que é centralizado, diferente do congregacionalismo de Kalley e do democrático representativo, que é o caso da Presbiteriana. Também há uma diferença com relação a doutrina da salvação, enquanto os calvinistas creem na predestinação, os Metodistas, que são arminianos, creem no livre arbítrio do homem com relação a salvação. Contudo, houve algo em comum com relação a essas três denominações, que é a fundação de escolas. A princípio essas escolas tinham como função ensinar o povo a ler a Bíblia, uma forma de evangelizar, contudo, logo esse foco foi mudado para uma educação elitizada, ou seja, que tinha como alvo atender as elites.

Na relação das igrejas que se fixaram no Brasil no século XIX, como fruto do movimento missionário, a igreja Batista é uma das últimas a se fixarem, isso se deu por volta de 1882. Segundo Antônio, os batistas tem em comum com os presbiterianos e com os metodistas “a dedicação pela educação”.(MENDONÇA. 2002,p. 145). A princípio a igreja batista não teve um crescimento expressivo, isso só foi mudar com o advento da República em 1889. Diferente das outras denominações, os batistas começaram seu trabalho na Bahia e se expandiram pelo Nordeste para depois chegarem ao Rio de Janeiro.

Essas denominações evangélicas trouxeram uma novidade, que até então não havia no Brasil, que foi o fato de a membresia leiga participar diretamente do governo da igreja local, ou seja, os próprios membros das igrejas é que votavam e decidiam sobre vários assuntos eclesiásticos. As pessoas não tinham um papel secundário ou menos importantes de que seus líderes. Bem diferente da igreja Romana, onde o sacerdote é que tomava as decisões sozinho, sem precisar consultar os fiéis.

Sem dúvida, foi um movimento mais preponderante para que o protestantismo criasse raízes no país e se propagasse de vez em solo brasileiro. Estudar a fixação do protestantismo no Brasil e não estudar essa faceta, fica quase impossível chegar a um entendimento desse movimento religioso. Movimento que criou raízes e se estende até os dias de hoje, crescendo cada vez mais.

Bem, como se observa, a implantação do protestantismo no Brasil no século XIX, não foi um ato com dia e hora marcada, foi, contudo, um processo que se estendeu durante todo século XIX. Para essa implantação, como foi visto, houve a intercessão de uma série de situações que foram colocadas neste trabalho, dentre elas pode-se citar: A imigração protestante, que trazia a reboque a sua religião; com certeza o declínio do catolicismo também foi um fator preponderante, assim como o apoio dos políticos liberais para a vinda e permanência desses protestantes, a ideia de “branquear a população”, e por fim, a chegada no Brasil de missionários protestantes que tinham como objetivo principal, dentre outras coisas, fazer proselitismo.

Com o advento da República, o Estado se separa da religião Católica, isso de certa forma irá contribuir para o crescimento e propagação do protestantismo em solo brasileiro. O século XX será o século do crescimento dos evangélicos, principalmente impulsionado pelo advento do pentecostalismo e do neopentecostalismo.

5.CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo trazer a discussão como a implantação do protestantismo no Brasil foi um movimento incentivado pela elite brasileira, que teve como pano de fundo um teor racista, eugenista e por que não dizer, um teor autoritário, algo bem típico do século XIX.

A pesquisa lança luz para um aspecto que também é de suma importância, que é a discussão sobre que sociedade se queria formar no Brasil. Logo, uma sociedade esbranquiçada, de alma Norte Americana ou eurocêntrica. E por mais impressionante que isto possa parecer, este pensamento racista ainda encontra guarida na nossa sociedade em tempos atuais.

Com esta pesquisa pode-se chegar a conclusão que crescimento protestante no Brasil não ocorreu de repente, ou seja, não foi algo que ocorreu de um dia para o outro, essa onda de crescimento foi um processo que durou todo o século XX. Se o século XIX foi o período de implantação do protestantismo no Brasil, o século XX foi o século de sua expansão. Foi durante o século XX que os protestantes começaram a se fazer presente por todo o território brasileiro. Hoje, praticamente, em cada “esquina”, e isso não é exagero, há uma igreja evangélica. Outro fator importante que ocorreu no século XX foi a crescente expansão de novas denominações ditas evangélicas, que alguns chamam de seitas evangélicas.

Entretanto, o protestantismo que hoje é maioria no Brasil é bem diferente daquele que foi implantado no século XIX. Primeiro, porque houve um crescimento das igrejas chamadas pentecostais, isso ocorreu, principalmente, na primeira metade do século XX.

Depois, na segunda metade do século XX, surgiram as denominações chamadas neopentecostais, que tem como seus líderes mais notórios: Edir Macedo e R.R Soares. Essas denominações têm sua teologia um pouco diferente das igrejas chamadas tradicionais. As igrejas neopentecostais tem em comum a crença em milagres e a teologia da prosperidade.

É digno de nota que as igrejas chamadas tradicionais tiveram um crescimento muito aquém no século XX. A igreja Presbiteriana, por exemplo, que no século XIX era a maior denominação do país, hoje quase não aparece nas estatísticas do IBGE. O porquê desse fenômeno, somente um estudo mais aprofundado poderá ter alguma resposta.

Já há estudos que dizem que o Brasil dentro de alguns anos se tornara em uma nação protestante, se isso ocorrerá, só o tempo dirá. Entretanto, a igreja católica já tem uma contrapartida para o crescimento protestante, que é o crescimento das igrejas católicas

carismáticas, que tem a sua liturgia de culto muito parecida com a igrejas evangélicas neopentecostais.

Contudo, é preciso que se reflita: Como será o Brasil se daqui alguns anos ele se tornar um país protestante?

Sem dúvida nenhuma os evangélicos, hoje, no Brasil, representam uma das forças religiosas mais significativas da nação, e por isso devem ser ouvidos e respeitados.

6.BIBLIOGRAFIA

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo Através dos Séculos**. 2ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil**. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

CABRAL, Flavio José Gomes. *Calvinismo Tropical. Nossa História*, São Paulo, N. 38, p.20-23, Dezembro.

COSTA, Cruz. **Contribuição à História das Ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

DOZER, Donald Marquand. **América Latina: Uma perspectiva Histórica**. Porto Alegre. Globo, 1966.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil**. Campinas, SP. Luz Para o Caminho. 1992.

GILBERTO, Freyre. **Sobrados e Mocambos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. **Religião Educação e Progresso**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e Educação Brasileira**. 2ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. Vol I, 7ª edição. São Paulo: Difusão Editorial, 1985.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: ASTE, 1963.

MATOS, Alderi Souza de. Robert Reid Kalley: **Pioneiro do protestantismo missionário na Europa e nas Américas**. *Revista Fides Reformada*. São Paulo, Volume III. Número 1, p.9-28, Jan/Jun. 2003.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Introdução ao Protestantismo No Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002.

POMBO, José Francisco Rocha. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1963.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês**. Recife: FUNDARPE, 1986.

TAVARES, A De Lira. **Brasil França ao Longo de 5 séculos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1979.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

REVISTA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo, N. 38. Dezembro. 2006.

REVISTA FIDES REFORMATATA. São Paulo, Volume VIII. Número 1. Jan./Jun. 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 8.ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

Revista Nossa História. São Paulo. Editora Vera Cruz, 2006.

IBGE: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes/os-imigrantes-alemaes-no-brasil.html>, pesquisado em 21/05/21 às 19:30Hs